

Fourvière: a revolução da ternura



Carta do
Superior
Geral

6 de
junho de
2016

Queridos Maristas de Champagnat,

Em abril do ano passado escrevi uma carta dirigida a todos intitulada *Montagne: A dança da missão*, refletindo sobre o significado desse primeiro ano de preparação ao início do centenário marista.

Quero agradecer muito sinceramente a difusão dada a essa carta, assim como sua boa acolhida, manifestada não apenas na leitura e reflexão pessoais, mas também, e com bastante frequência, no estudo e na partilha de diversos grupos. E agradeço de modo especial pelo que significa de comunhão com a profunda reforma, de espírito missionário, que o Papa Francisco iniciou na Igreja: *Espero que todas as comunidades se esforcem para utilizar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma "simples administração". Constituamo-nos em "estado permanente de missão, em todas as regiões da terra"* (*Evangelii Gaudium*, 25).

Minha carta deste ano de *Fourvière* deseja continuar animando para o **compromisso** com a renovação da Igreja nessa ocasião, a partir da **perspectiva** comunitária que reclama a **participação ativa** de todas as pessoas batizadas.

No próximo dia 23 de julho, ao recordar *a promessa de Fourvière*, também nós podemos renovar de coração **nosso compromisso de ser o rosto mariano da Igreja, promovendo comunidades vivas e abertas, profundamente samaritanas**, e acolhendo assim o convite deste ano jubilar para que sejamos *misericordiosos como o Pai*.

Sempre que
olhamos para
Maria, voltamos a
acreditar na força
revolucionária da
ternura e do afeto.

Papa Francisco
Evangelii Gaudium, 288

*A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até o perdão e o dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí **deve estar evidente a misericórdia** do Pai. Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos –, qualquer pessoa deve poder encontrar **um oásis de misericórdia**.*

Papa Francisco, *Bula de convocação do jubileu extraordinário da misericórdia*, 12

Também os primeiros maristas sonharam com uma Igreja de *rosto mariano*, isto é, maternal, misericordioso. Também eles desejavam estabelecer em todo o mundo um *oásis de misericórdia*. Talvez possamos dizer que **se comprometeram a colocar em marcha uma revolução da ternura.**

Em uma entrevista concedida ao semanário italiano *Credere*, o Papa Francisco, com a espontaneidade que o caracteriza, dizia que neste nosso mundo em que nos acostumamos com as más notícias, a Igreja tem de ser uma boa notícia, ajudando a descobrir que Deus é Pai, que é misericordioso. A própria Igreja, dizia ele, cai na tentação de seguir uma linha dura quando destaca apenas as normas morais e exclui assim muitas pessoas.

Veio à minha mente essa imagem da Igreja como um hospital de campanha após a batalha; é verdade, quanta gente ferida e destruída! Os feridos são atendidos, ajudados, curados, não submetidos a uma análise do colesterol. Creio que é o tempo da misericórdia... A misericórdia, sempre que nos referimos à Bíblia, nos mostra um Deus mais "emotivo" do que às vezes imaginamos... Descobri-lo nos levará a ser mais tolerantes, mais pacientes, mais ternos.

A revolução da ternura é o que devemos cultivar como fruto deste ano da misericórdia: a ternura de Deus para cada um de nós.



Não é a promessa de Fourvière um projeto de misericórdia e de ternura? Em um contexto em que a Igreja se concebia a si mesma como uma cidade fortificada e aos crentes como um exército que tinha de enfrentar a última batalha contra o mal, esse grupo de jovens se inspirou em São Francisco Régis, conhecido como o *pai dos pobres*; ou em São Francisco de Sales, *o santo da amabilidade*. Sonhavam com um novo jeito de ser Igreja; uma Igreja de rosto mariano.

A Sociedade de Maria deve reiniciar uma nova Igreja. Não digo no sentido literal, o que seria uma blasfêmia, mas, em certo sentido, sim, devemos reiniciar uma nova Igreja.

Jean-Claude Colin

Fourvière, um sonho e uma promessa

A promessa que havia assumido aquele grupo de 12 jovens que no dia 23 de julho de 1816 subiram a *Fourvière* para se oferecer a Maria, é a expressão de um sonho que foi amadurecendo ao longo de vários anos. Inspirados por Jean-Claude Courveille, compartilharam seus ideais por meio de frequentes colóquios nos quais, segundo o testemunho de um deles, Etienne Terraillon, se *inflamaram mutuamente* até que finalmente chegaram a formular um sonho comum:

*Nós, abaixo assinados, queremos trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, mãe de nosso Senhor Jesus Cristo, afirmamos que temos a sincera intenção e a firme vontade de nos consagrar, logo que surgir oportunidade, à instituição da piedosíssima Congregação dos **Maristas**.*

*Eis porque, pelo presente ato, que leva nossas assinaturas, dedicamo-nos irrevogavelmente, nós e tudo o que temos, tanto quanto possível, à **Sociedade da Bem-aventurada Virgem Maria**.*

O sonho desses jovens consistia em criar uma grande comunidade de vida e missão: *a Sociedade de Maria ou os Maristas*. Mas, em realidade, era muito mais ambicioso que isso. Nas palavras de Claude Colin: *Os Maristas conquistarão todo o mundo. Eles se propagarão por todas as partes... Nossa finalidade é conseguir que todo o universo seja marista.*

O homem é um deus
quando sonha e um
mendigo quando
reflete.
Hölderlin

Ao pensar nesse grupo de jovens que sonhavam mudar o mundo, lembrei-me de momentos semelhantes na minha formação inicial, especialmente durante o Noviciado e o Escolasticado. Intermináveis conversas com alguns companheiros, às vezes longas horas à noite sonhando juntos. Certamente muitos de vocês, ao ler estas linhas, recordarão situações semelhantes de seus anos de juventude. Sentíamos, como o poeta Hölderlin, que **o homem é um deus quando sonha e um mendigo quando reflete.**

Seriam sonhos ilusórios que a vida se encarregou de desmentir? Nossos 12 jovens de *Fourvière* sentiram a necessidade de destacar, no texto da promessa, que assumiram esse compromisso *não superficialmente ou como crianças, mas seriamente, depois de refletir profundamente, aconselhar-se e ponderar tudo diante de Deus*. Podemos intuir que com essas frases estavam respondendo a críticas provenientes de pessoas *prudentes e razoáveis*, que balançavam a cabeça ceticamente quando ouviam falar do projeto marista.

Quando era jovem, ouvia conversas entre os adultos cuja tonalidade de triste lamentação me oprimia o coração. Lançavam um olhar revendo o idealismo e a capacidade de entusiasmo de sua juventude como algo que deveriam ter mantido firmemente. Mas, ao mesmo tempo, eles sentiam, quase como uma lei da natureza, que isso era impossível. Eu também

estava com medo de que um dia olharia para o meu passado com a mesma carga de tristeza. Então assumi o firme propósito de não me submeter à trágica necessidade de me tornar uma pessoa razoável. Desde então, tenho tentado orientar a minha vida por esse voto que surgiu assim, como um roubo de juventude

Albert Schweitzer, prêmio Nobel da Paz em 1952

Hoje sabemos que o sonho de *Fourvière* era autêntico. Alguns desses jovens não se submeteram à *trágica necessidade de se converter em pessoas razoáveis* e mantiveram seu sonho e sua promessa até a morte. Como diz o título de um livro para crianças escrito por Mike Dooley, *os sonhos se tornam realidade, tudo o que precisam é de você*.

Talvez tenhamos perdido os sonhos ao longo do caminho, ao golpe do assim chamado *realismo*. Mas interiormente, reconhecemos que nossos grandes sonhos e ideais de juventude nos enchem de entusiasmo e dão um sentido à nossa vida.

Quando nos convertemos em pessoas razoáveis?



Por meio de nossa própria experiência de vida podemos deduzir que o **sonho de comunhão está inscrito nos genes de toda pessoa humana**. Um sonho que aflora com naturalidade nas crianças, ganha força nos jovens e se consolida – ou fenece – nos adultos.

o sonho de comunhão está inscrito nos genes de toda pessoa humana

Quando completou 53 anos, Martin Luther King pronunciou seu famoso discurso *Eu tenho um sonho*, e conseguiu despertar os sonhos enterrados nos corações de milhares de pessoas em todo o mundo. Era como se, de repente, alguém manifestasse, com palavras simples, desejos profundos que não conseguia articular. **Sim, existe em todo coração humano uma faísca de bondade, um enorme desejo de unidade e de fraternidade universais**. Nelson Mandela, evocando seus anos no cárcere de Robben Island, onde viveu humilhações e misérias, dizia:

Sempre soube que no fundo do coração de todos os seres humanos há misericórdia e generosidade... Mesmo nos momentos mais difíceis de minha prisão, quando meus companheiros e eu nos encontrávamos em situações-limite, conseguia distinguir um pequeno sinal de humanidade em alguns dos guardas, durante um segundo talvez, mas o suficiente para me reconfortar e me animar para seguir em frente...

Fourvière é o símbolo do sonho marista. Ele nos conecta com nossas origens e nos faz sentir em comunhão com outros projetos utópicos que procuram, como nós, um mundo de paz e harmonia.

Sentimos o desafio de descobrir e transmitir a "mística" de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada... (Evangelii Gaudium, 87).

Qual é o nosso sonho? perguntou-se Leonardo Boff. Que forma tomaria o sonho de uma civilização da re-ligação universal que a todos nos incluía? Boff reconhece que esse anseio ancestral da humanidade foi exilado pelo tipo de cultura que predominou nos últimos séculos e fez algo assim como uma lobotomia em nossa mente, pois nos deixou desencantados, cegos para as maravilhas da natureza e insensíveis para a reverência que o universo suscita em nós:

O sonho da inclusão de todos na família humana, morando juntos na mesma e única Casa Comum, a Terra; o sonho da grande integração de todas as culturas, etnias, tradições e caminhos religiosos e espirituais no patrimônio comum da humanidade; o sonho de uma nova aliança com os demais seres vivos da natureza, sentindo-os verdadeiramente como irmãos e irmãs na imensa cadeia da vida; o sonho de uma economia política do suficiente e do decente para todos, também para os demais organismos vivos; o sonho de um cuidado de uns para com os outros para exorcizar definitivamente o medo; o sonho de um diálogo de todos com sua própria Profundidade, de onde nos vêm os impulsos de bondade, cooperação e amor; o sonho de uma re-ligação de todos com a Fonte originária, de onde emanam os seres, dando-nos o sentimento de acolhida em um Útero final, quando cairemos todos nos braços de Deus Pai/Mãe de infinita bondade e viveremos para sempre, sem nenhum desgaste.

Fourvière nos estimula a não abandonar jamais nossos sonhos mais autênticos e profundos. O mundo precisa imperiosamente de pessoas capazes de sonhar de olhos abertos, que despertem ao seu redor muitas energias adormecidas. O poeta Manuel Scorza Torres expressa isso de maneira muito sugestiva:

*Basta que um Homem sonhe,
basta que apenas um homem se infete com a pústula do delírio,
para que toda uma raça cheire a mariposas!*

*Basta que apenas um murmure ter visto um arco-íris nas noites
para que até mesmo o lodo tenha os olhos reluzentes!*

O mundo precisa imperiosamente de pessoas capazes de sonhar de olhos abertos, que despertem ao seu redor muitas energias adormecidas.

Deus é comunidade

Andrei Rublev, que viveu na Rússia no final do século XIV e início do XV, é considerado o maior pintor medieval de ícones e afrescos ortodoxos. O ícone da Santíssima Trindade, aqui reproduzido, foi erigido por um Concílio da Igreja ortodoxa russa como modelo da iconografia e de todas as representações da Santíssima Trindade.

O ícone representa, em uma primeira visão, a visita dos três anjos a Abraão e a Sara junto ao carvalho de *Mambré* (Gênesis 18, 1-15). Os Padres da Igreja acreditavam ver nesses três personagens misteriosos uma prefiguração da Santíssima Trindade. Por meio dessa cena do Antigo Testamento se abre todo um campo de simbologia teológica que nos conduz ao Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Sem entrar na interpretação detalhada do ícone, quero destacar alguns aspectos que nos colocam na **contemplação de Deus como comunidade:**

Tudo expressa
uma comunhão
extraordinária
entre os três, um
dinamismo de amor
que arrasta consigo o
cosmos inteiro.



- Os três personagens têm praticamente o mesmo rosto. O autor expressa assim a igual dignidade dos três seres. Cada um veste uma peça de roupa da cor azul, cor do céu, símbolo da natureza divina que os três partilham.

- No entanto, cada personagem apresenta características especiais que nos mostram quem é: no centro está o Filho; à nossa esquerda o Pai; e à direita o Espírito. O ouro dos tronos, assento divino, fala da superabundância da vida trinitária.

- Os três personagens configuram um círculo, como podemos observar, se seguirmos a silhueta exterior. Mas seria mais apropriado falar de um movimento circular entre eles, sugerido por seus olhares, pelo jogo de suas mãos, pela inclinação de suas cabeças. Pode-se dizer que estabelecem uma conversação silenciosa, feita de olhares e gestos. Tudo expressa uma comunhão extraordinária entre os três, um dinamismo de amor que arrasta consigo o cosmos inteiro, como se expressa na inclinação da montanha e da árvore atrás dos personagens.

- Efetivamente, esse círculo de comunhão trinitária não está fechado em si mesmo. Se observarmos a parte inferior do ícone, notamos que, diferentemente da maioria dos quadros, esse ícone apresenta uma perspectiva inversa: em vez de dar profundidade à imagem, está como que indo em direção ao espectador, em direção a você... convidando-o a ser o quarto personagem da cena.

O ícone expressa com imagens o que os teólogos tanto do Oriente como do Ocidente trataram de explicar durante séculos pela linguagem de cada época. Uma palavra usada para se referir a essa profunda **unidade na diversidade** das três pessoas divinas é a palavra grega *perichoresis*, usada pela primeira vez por João Damasceno (século VIII).

Segundo o teólogo Denis Edwards, a ideia por trás dessa palavra é assim como **um abraço envolvente, uma presença mútua no amor**. Refere-se a uma comunhão na qual a diversidade e a unidade não são opostas, mas condição mútua para sua existência. Nesse tipo de unidade, a Pessoa individual pode florescer precisamente por sua comunhão com o outro.

Usando uma analogia de *perichoresis* com outra palavra equivalente, que significa dançar ao redor de outra pessoa, alguns teólogos refletem sobre o fato de que *perichoresis* trinitária evoca a bela imagem da vida interior de Deus como **dança circular divina, na qual todo o cosmos está convidado a participar**. Como já vimos na carta *Montagne: a dança da missão*, Deus não se mostra a nós como um ser estático, mas como uma plenitude de amor que se dá, transbordando sobre tudo o que foi criado. A dança da vida nada mais é do que um prolongamento da dança divina do amor comunhão.

O ícone da Santíssima Trindade nos revela, portanto, que ser pessoa, divina ou humana, significa ser **radicalmente relacional**, dotada da capacidade de sair de si no amor em direção às outras pessoas. Porém não apenas o ser humano, mas toda a realidade, é ontologicamente relacional e interdependente como escreve o teólogo ortodoxo J. Zizioulas: *a comunhão é que faz o "ser" das coisas; nada existe sem ela, nem mesmo Deus*.

Uma comunhão na qual a diversidade e a unidade não são opostas, mas condição mútua para sua existência

*Para os cristãos, acreditar num Deus único que é comunhão trinitária, leva a pensar que toda a realidade contém em si mesma **uma marca propriamente trinitária**. (...)*

*As Pessoas divinas são relações subsistentes; e o mundo, criado segundo o modelo divino, é **uma trama de relações**. As criaturas tendem para Deus; e é próprio de cada ser vivo tender, por sua vez, para outra realidade, de modo que, no seio do universo, podemos encontrar uma série inumerável de relações constantes que secretamente se entrelaçam.*

*Isso nos convida **não só a admirar os múltiplos vínculos que existem entre as criaturas, mas** nos leva também a descobrir uma chave da nossa própria realização. Na verdade, **a pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona**, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas. Assim assume na própria existência aquele dinamismo trinitário que Deus imprimiu nela desde a sua criação. **Tudo está interligado**, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade.*

Papa Francisco, *Laudati Si'*, 239 e 240

Efetivamente, o gênero humano é chamado a viver o que vivem as três pessoas divinas: **a comunhão nas diferenças**. Dom Tonino Bello dizia que os grupos cristãos devem se converter em ícones da Trindade, *agências periféricas da Santíssima Trindade, que seguem os interesses da "Empresa"*, se quisermos que algo possa gerar-se e evitar que as comunidades cristãs sejam estéreis. E acrescenta:

Uma das coisas mais belas e mais práticas trazidas à luz pela teologia dos anos mais recentes é que a Santíssima Trindade não é apenas o mistério central da nossa fé, mas também o princípio arquitetônico supremo de nossa moralidade. Ou seja, a doutrina trinitária não é apenas uma doutrina a ser contemplada, mas uma ética para ser vivida. Uma verdade não só para alimentar o desejo de transcendência, mas uma fonte normativa para as nossas escolhas diárias.

As mesmas palavras usadas para definir o principal mistério da nossa fé, ajuda-nos a definir o anseio supremo do coração humano. É por isso que dissemos anteriormente que o sonho de comunhão está inscrito nos genes de cada pessoa. O sonho da humanidade é um reflexo do sonho de Deus. Deus, que é comunidade, sonha com uma grande comunidade que inclui toda a criação



O sonho de Jesus: a nova comunidade humana

Jesus, que carrega em seu coração **o sonho divino de uma sociedade em que todas as pessoas possam se desenvolver plenamente como filhos e filhas de Deus**, vive uma forte experiência em contraste com a realidade social e religiosa em que se encontra. Sua experiência pessoal é que Deus é misericórdia e ternura (por isso o chamou de *Abba*, termo aramaico usado por crianças para se referir a seu pai, algo parecido com "paizinho") e Jesus sente fortemente que o que Deus quer é uma sociedade fraterna e igualitária. Por isso, ele se indigna e se rebela contra um sistema social estruturalmente injusto e um certo tipo de religião que consolida essa injustiça e distorce a imagem de Deus.

Usando a linguagem do seu tempo, Jesus anuncia a proximidade do reinado ou do reino de Deus (Mt 4,17). Ambas as expressões designam uma nova realidade, **a**

Jesus sente fortemente que o que Deus quer é uma sociedade fraterna e igualitária

sociedade humana alternativa; o primeiro, o reinado de Deus, é considerado do ponto de vista da ação de Deus sobre a pessoa humana; o segundo, o reino de Deus, indica o resultado dessa ação divina, uma sociedade digna do ser humano.

O reino de Deus representa, portanto, uma alternativa para a sociedade injusta, proclama a esperança de uma nova vida, afirma a possibilidade de mudança e formula a utopia. Por isso constitui a melhor notícia que podemos anunciar à humanidade e, a partir de Jesus, a oferta permanente de Deus para a humanidade, que espera por uma resposta. A realização dessa utopia é sempre possível.

A dimensão
comunitária não é
apenas um "marco",
um "contexto", mas
parte integrante
da vida cristã, do
testemunho e da
evangelização.

Papa Francisco

Jesus, porém, não é um teórico da utopia humana. Então, a primeira coisa que ele faz depois de seu anúncio da proximidade do *reino de Deus*, é **criar uma comunidade**, reunir um grupo de homens, pessoas humildes, pescadores do mar de Galileia (Mt 4,18-22). Não os chama para viverem para si mesmos ou para se dedicarem à virtude isolando-se do mundo, mas a uma missão para a qual se encarrega de prepará-los: trata-se de formar **um grupo humano que torne visíveis e críveis as relações próprias da nova sociedade**. Ou seja, Jesus não forma um grupo fechado, mas aberto, que vai crescendo, atraindo novas pessoas para o novo modo de viver que ele vai ensinar a esses primeiros discípulos. Sua comunidade deve ser a semente de uma nova humanidade.

A maneira normal de viver a fé cristã, portanto, é fazê-lo em comunidade. A dimensão comunitária não é apenas um "marco", um "contexto", mas parte integrante da vida cristã, do testemunho e da evangelização. (Papa Francisco, audiência de 15-01-2014). Isso mesmo, de maneira ainda mais sintética, o Papa expressou em um de seus tweets:



Papa Francisco 
@Pontifex_pt

Ninguém se salva sozinho. A dimensão comunitária é essencial na vida cristã.

A melhor maneira de demonstrar que o projeto de Jesus para transformar o mundo e criar uma nova comunidade humana não é uma quimera, é por meio de um grupo – a comunidade cristã – que mostra ser possível tornar realidade a partir de agora esse sonho: *Vede como eles se amam*.

Se queremos seguir a Jesus, somos convidados a fazê-lo em comunidade. O Senhor nos diz, como aos primeiros discípulos: *Sigam-me* (Mc 1,17). Mais do que uma exigência de nossa fé ou uma carga pesada, **é um dom maravilhoso que nos é dado** e pelo qual devemos ser extremamente gratos.

A graça da comunidade, que a pessoa isolada considera um privilégio extraordinário, muitas vezes é desprezada e espezinhada por aqueles que a recebem diariamente. É fácil esquecer que a vida entre os

cristãos é um dom do reino de Deus que nos pode ser tirado a qualquer momento e que, também, em um instante, podemos ser abandonados à mais completa solidão. Por isso, a quem foi concedido experimentar essa graça extraordinária da vida comunitária, que louve a Deus com todo o seu coração; que, de joelhos, dê graças e confesse que é uma graça, somente graça!

Dietrich Bonhoeffer

Quais são **as características da comunidade cristã**, segundo os evangelhos?

Em primeiro lugar, o fundamento da nova comunidade humana é **a adesão a Jesus como Messias, Filho do Deus Vivo** (Mt 16,16). Marcos define a adesão a Jesus como *estar com ele* (Mc 3,14), isto é, como dar uma adesão incondicional à sua pessoa e programa. Isso implica assumir seus valores e seu estilo de vida. Uma metáfora usada pelos quatro evangelistas para expressar a adesão e sua consequência, a atividade, é a do **seguimento** (Mc 1,18; 2,14 par.), que não consiste apenas em assumir uma doutrina, um projeto, alguns valores, mas tornar própria a realidade interior de Jesus, em ter seu mesmo Espírito, suas mesmas atitudes.

Por outro lado, Jesus, no *sermão da montanha* (Mt 5-8) e em outras passagens do Evangelho (Mt 18), destaca os valores que fazem com que uma comunidade se converta em **bem-aventurança** porque já está tornando realidade *o reino* ou a nova comunidade humana:

o fundamento da nova comunidade humana é a adesão a Jesus como Messias, Filho do Deus Vivo.

- *A pobreza e o desprendimento substituem a riqueza e a acumulação.*
- *O perdão e a reconciliação substituem o ódio e a vingança.*
- *A gratuidade se opõe ao egoísmo interesseiro.*
- *O serviço humilde substitui o desejo de ostentação e comando.*
- *A solidariedade afetiva e efetiva se opõe ao afã de segurança e dominação.*
- *A busca da paz rechaça a violência.*
- *A justiça elimina a opressão.*
- *A tenacidade é assumida contra uma vida acomodada.*
- *A limpeza de coração repele a duplicidade e a submissão injusta.*
- *A fraternidade se impõe sobre toda discriminação.*
- *A igualdade, contra todo predomínio entre os irmãos.*
- *Os pobres e os perdidos são os preferidos na causa do Reino.*
- *O ser humano está acima do sábado.*
- *O amor é a lei suprema.*
- *A misericórdia é o sinal máximo da proximidade.*

José Luiz Pérez Álvarez

Outra característica, como já vimos na carta a propósito do ano Montagne, é que **a missão** é a atividade essencial da comunidade cristã, o mesmo acontecendo tanto em âmbito individual quanto social. Nessa carta se dizia:

Deus é missão. Não que Deus tenha uma missão, mas que é missão. É por isso que não dizemos que a Igreja e o Instituto marista têm uma missão, mas que a missão tem uma Igreja, que a missão tem o Instituto marista, que a missão tem a mim e a você. A Igreja é autenticamente ela mesma quando se dá conta de que sua missão **é a missão de Deus: andar pelo mundo sendo salvação, cura e presença estimulante de Deus.**

O Papa Francisco em *Evangelli Gaudium* (120) nos diz que *todo cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; já não dizemos que somos "discípulos" e "missionários", mas que **somos sempre "discípulos missionários"**.*

Comunidade marista, família carismática

Iniciamos esta carta aos pés da *Virgem morena* de *Fourvière*, recordando o sonho e a promessa dos primeiros maristas, para em seguida nos deter no sonho de Deus que Jesus expressa e pelo qual dá a sua vida.

Voltemos agora novamente a *Fourvière*, com Marcelino Champagnat que, de fato, subiu novamente ao Santuário de Nossa Senhora no dia 24 de julho de 1816, no dia seguinte ao da realização da promessa coletiva sobre o altar, com seus demais companheiros.

Marcelino se confia agora pessoalmente a Maria e a Ela se consagra: *Virgem Santíssima, ponho em ti minha confiança. Te ofereço, te dou e te consagro minha pessoa, meus trabalhos e toda a minha vida.*

Marcelino tinha o seu próprio sonho, dentro do mais global da Sociedade de Maria: **Precisamos de irmãos**, repetia muitas vezes a seus companheiros, os quais o encarregaram de realizar. Como sabemos, quando tinha passado apenas cinco meses desde a sua consagração a Maria em *Fourvière*, ele reuniu os primeiros candidatos, dando assim origem aos Pequenos Irmãos de Maria. O projeto de Champagnat é claramente missionário: *dar a conhecer a Jesus Cristo e fazê-lo amado* pelas crianças e jovens que ninguém atende. Mas isso se realizará mediante pequenas **comunidades de irmãos**. **A fraternidade é essencial desde a nossa origem.**



O Padre Champagnat fez da comunidade dos primeiros irmãos uma verdadeira família. Partilhou a vida deles em La Valla e em l'Hermitage. Dedicou-se totalmente a eles.

Dizia-lhes: "Sabem que vivo só para vocês. Não há nenhum bem verdadeiro que eu não peça a Deus, diariamente, para vocês e que eu não esteja disposto a conseguir à custa dos maiores sacrifícios". Em troca, os irmãos amavam-no como a um pai. Convivendo com ele e junto à Boa Mãe, aprofundavam o sentido da fraternidade, da dedicação e da abnegação a serviço dos outros.

Constituições, 49

Por outro lado, as Constituições nos recordam também que **a simples existência da comunidade já é por si só evangelizadora.** (58)

Exagerando a fraternidade

*No final do caminho me dirão:
Você viveu? Você amou?
E eu, sem dizer nada,
abrirei o coração cheio de nomes.*

Pedro Casaldáliga

A vocação de **religioso irmão** é de difícil compreensão no seio de uma Igreja que se clericalizou e onde muitos supõem, portanto, que *o normal* é que os religiosos homens sejam ministros ordenados. Isso não é novidade, como mostram algumas divertidas anedotas contadas nas biografias de nossos primeiros irmãos.

Há alguns meses, por ocasião da publicação do documento vaticano sobre *Identidade e missão do religioso irmão na Igreja*, fui convidado a falar na Rádio Vaticano. Enquanto preparávamos a entrevista com o microfone desligado, dei-me conta de que o jornalista não tinha a mínima ideia de que existiam congregações de *irmãos*... Se isso é o que um jornalista que trabalha na Rádio Vaticano sabe, podemos imaginar o quanto sabem outras muitas pessoas na Igreja!

Contudo, creio que vivemos um momento **de redescoberta e revalorização de nossa vocação**, começando por nós mesmos. Há alguns anos ouvia frequentemente que os religiosos irmãos tinham um problema de identidade, o que me deixava um pouco surpreso, porque creio que as nossas Constituições deixam bem clara essa identidade. Hoje, em meus encontros com outros Superiores Gerais, escuto essa queixa de Institutos clericais em que, segundo dizem, muitos religiosos se *parochializaram* e estão correndo o risco de perder sua identidade.

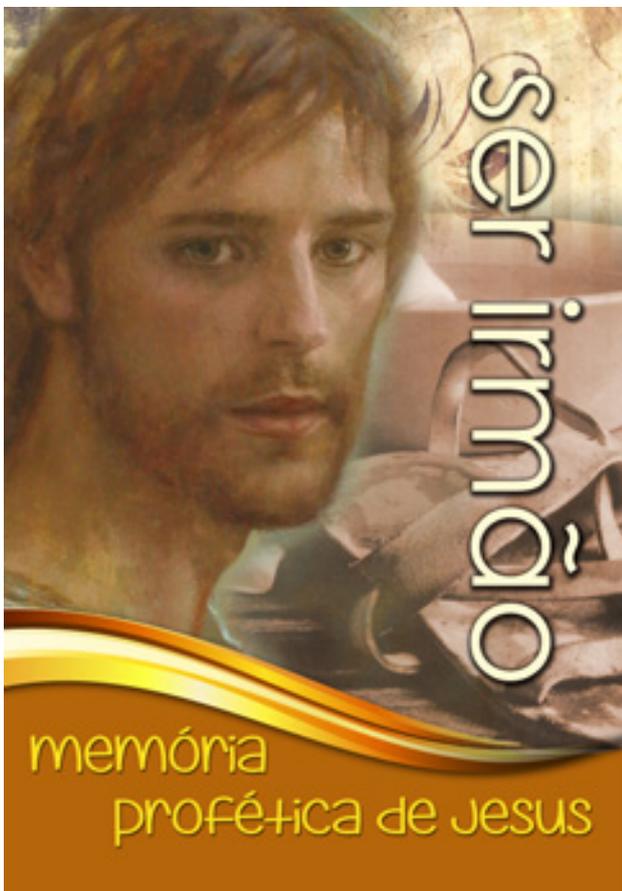
Vivemos um momento
de redescoberta e
revalorização de nossa
vocação, começando
por nós mesmos.

Na entrevista na Rádio Vaticano à qual me referi anteriormente, disse que uma das tarefas próprias dos irmãos na Igreja é de **exagerar a fraternidade**, o que chamou muito a atenção do jornalista que sempre busca uma boa manchete e me fez explicar melhor a frase. Evidentemente, também eu queria chamar a atenção dos ouvintes com uma boa manchete... Trata-se, no fundo, de **reconhecer que a comunidade está no coração de nossa vida** e que a vivência das fraternidades é um dos melhores dons com os quais podemos contribuir com a grande comunidade eclesial e o mundo. O mesmo documento vaticano reconhece isso quando se refere à identidade do irmão e o faz por meio de três seções da parte central do documento: *O Mistério: a fraternidade, dom que recebemos; A comunhão: a fraternidade, dom que compartilhamos; A missão: a fraternidade, dom que entregamos.*

Uma das **tarefas** próprias dos **IRMÃOS** na Igreja é de **exagerar a fraternidade**

A fraternidade dos religiosos irmãos é um estímulo para toda a Igreja porque torna presente o valor evangélico das relações fraternas, "horizontais", diante da tentação de dominar, da busca do primeiro posto, do exercício da autoridade como poder.

CIVCSVA, Identidade e missão do religioso irmão na Igreja, 7



A comunidade é para nós um **dom**, mas ao mesmo tempo uma **tarefa**. Isso ficou expresso no *Colóquio sobre a formação inicial marista* realizado em ND de l'Hermitage em outubro de 2015, quando nos referimos à comunidade como o nosso ecossistema peculiar, essencial para a nossa vida e desenvolvimento. Ao mesmo tempo, enfatizamos o apelo para ser *tecedores de fraternidade*, para indicar a necessidade de nosso compromisso ativo para o crescimento da comunidade

Talvez um dos aspectos que fez com que alguns de nós falássemos de crise de identidade foi **o surgimento de leigos maristas**, especialmente nos últimos 30 ou 40 anos, mais ou menos. Falando não há muito tempo com um grupo de noviços, fui questionado sobre o laicato marista. Depois de compartilhar com eles muitas experiências positivas com milhares de leigos e leigas ao redor do mundo e como eu imagino o futuro, perguntaram: *Então, se tudo é tão bonito... para que ser irmão?*

A pergunta é, naturalmente, bastante legítima, ainda mais vinda de jovens – e não tão jovens – noviços. De minha parte, destaquei-lhes que não escolhemos

uma vocação em função de uma lista de prós e contras, mas de uma **resposta a um chamado do Senhor**. Sinto que o Senhor me chama para viver a vida cristã como religioso ou como leigo, e eu respondo; isso é tudo!

Creio ser normal que, após mais de 150 anos de tradição, período em que se considerou que os irmãos eram os únicos membros da família marista, estes foram surpreendidos, às vezes sem saber bem como reagir, pela presença de outras pessoas que também se consideram membros da família.

o laicato marista é um dom extraordinário do Espírito

Creio que hoje a grande maioria dos irmãos entendemos com nossa cabeça – e espero também com o nosso coração – que **o laicato marista é um dom extraordinário do Espírito para nossa família religiosa**. Ajudou-nos nessa descoberta a teologia renovada do Concílio Vaticano II, em que se recuperou a ideia de *uma Igreja de comunhão*, assim como uma *crise providencial de vocações* entre nós (ouvi essa expressão do teólogo García Paredes dirigindo-se nada menos que à assembleia Plenária da Congregação da Vida Consagrada do Vaticano!). E, certamente, o que mais nos ajudou foi a convivência com leigas e leigos que se sentem chamados a viver sua vocação como maristas. O testemunho e a qualidade de vida de muitos deles nos revelam a presença do Espírito e estimulam nossa própria vocação.

A propósito da *crise providencial de vocações*, recordo-me que acompanhei os Maristas da Colômbia na celebração de seus 125 anos. Fomos a Popayán, onde os irmãos chegaram pela primeira vez, e ali visitamos uma antiga casa marista enorme com seis claustros onde se localizavam as diversas seções de formação, a enfermaria, a casa provincial e outra dependência para algumas religiosas. No final dos anos 1950 viviam nessa casa 220 pessoas. Certamente essa é uma história que se pode contar de muitas outras Províncias do mundo. **Como, em tais circunstâncias, alguém podia ao menos imaginar a existência do laicato?**

Isso não significa, é claro, que não se tenha o que fazer para a animação vocacional de futuros irmãos. Simplesmente reconhecemos, humildemente, que é o Senhor que chama, e a nós corresponde ajudar a estabelecer as condições para que as pessoas possam escutar esse chamado e responder generosamente.

Acredito firmemente que **a vocação do Irmão Marista faz muito sentido hoje e é tão relevante como nos tempos de Champagnat**, e também acredito firmemente que o Espírito Santo está nos ensinando pelas circunstâncias históricas que estamos vivendo como um Instituto global, a viver nossa vocação de forma diferente do passado. Há fortes sinais de vida que orientam o nosso futuro, como a vitalidade da missão marista ou o crescente surgimento do laicato marista, mas também temos de aprender com nossos próprios erros e pecados.

Recentemente, em contato com vários Provinciais em razão de várias situações complicadas que suas Províncias viviam, principalmente por causa da má gestão econômica ou casos de abuso sexual, caiu em minhas mãos um livro em italiano escrito por um monge beneditino chamado Michael Davide Semeraro. O título do livro diz muito sobre o seu conteúdo: *Não perfeitos, mas felizes - Por uma profecia sustentável da vida consagrada*. Quero compartilhar um parágrafo que considerei particularmente inspirador:

Há fortes sinais de vida que orientam o nosso futuro, como a vitalidade da missão marista ou o crescente surgimento do laicato marista.

*E se todos os escândalos e abusos, sem diminuir o horror do mal sofrido ou causado, fossem um sinal que pede para ser acolhido e decifrado com uma **humildade tão radical que nos permita reencontrar o caminho de casa ... e encontrá-lo novamente juntos?** Especialmente quando somos chamados a compartilhar não os centros da vida, mas as periferias não só geográficas mas existenciais, que não são menos dolorosas. Somos chamados a começar de novo a partir dos corações feridos e das mentes vulneradas, principalmente as nossas. Não podemos e não devemos esquecer que, **só depois de** nos curar da ilusão de estar sadios, poderemos derramar o óleo da compaixão e o vinho do entusiasmo pela vida sobre as dos outros. Isso tem consequências importantes. A primeira é de renunciar a ser modelo, para aprender a sentir-nos até o fundo companheiros de viagem, que não têm nada a ensinar a não ser compartilhar as profundezas da condição humana, tão obscura e ao mesmo tempo tão luminosa, de modo a não preocupar-se tanto em construir como de não ser escândalo para alguém.*

Um novo capítulo da nossa história marista



Em um encontro com os novos Provinciais, há alguns anos, um deles nos explicava que uma de suas escolas se viu na necessidade de se adaptar às novas leis do país, especialmente em relação à segurança. Isso significava fazer obras enormes em um edifício muito grande e antigo. Foram pedidos orçamentos a várias empresas e se concluiu em última análise que era mais barato destruir esse edifício e construir um novo do que fazer todas as reformas necessárias no velho.

Essa escola se encontrava diante de uma residência para irmãos idosos e enfermos da Província. O irmão Provincial contou que no dia em que se destruiu o edifício antigo ele estava de visita nessa comunidade. Muitos irmãos estavam com as janelas abertas assistindo como essa grande escola vinha abaixo, na qual alguns deles haviam passado boa parte de suas vidas. Era – dizia o Provincial – **o símbolo de uma época que não voltaria mais, e comentou isso com eles.**

Provavelmente um bom número de irmãos, especialmente os de mais idade, viveram situações semelhantes que os fizeram sentir que o mundo conhecido até então estava desaparecendo, com a insegurança e o temor próprios desse momento de transição entre o antigo e o novo que não acaba de chegar.

O Ir. Charles Howard teve um gesto valente e profético ao convidar um grupo de leigos e leigas, pela primeira vez, a um Capítulo Geral (1993). Recordo ainda com emoção o momento em que as portas da sala capitular foram abertas e esse grupo de leigos e leigas foi recebido pela assembleia capitular de pé e com um grande aplauso. Essas portas abertas simbolizam, no meu parecer, a abertura de um novo capítulo em nossa história marista.

Recordemos que já no Capítulo Geral de 1985 foi colocada a referência ao *Movimento Champagnat da Família Marista* em nossas Constituições, descrevendo-o como *uma extensão do Instituto* e sobre o qual, em 1991, o Ir. Charles publicou uma circular. O Capítulo Geral de 1993 foi, portanto, o momento certo para dar mais um passo, como de fato ocorreu.

De qualquer modo, vivia-se a impressão de uma mudança importante, tanto na Igreja quanto no Instituto. Dizia o Ir. Charles:

*Nós nos encontramos em um momento muito importante da história da Igreja, um momento de renascimento, uma volta ao estilo da primitiva Igreja, quando os leigos desempenhavam um papel total na missão. Uma de nossas prioridades agora consiste em **promover esse renascer com delicadeza, coragem e visão**. Se não fizermos assim, então teremos diminuído a Igreja do futuro, a Igreja, o Povo de Deus, o Corpo de Cristo... tudo o que amamos.*

*Circular: Movimento Champagnat da Família Marista,
uma graça para todos nós.*

O Papa João Paulo II, em sua Exortação apostólica *Vita Consecrata* (1996), publicada depois do Sínodo sobre a Vida Consagrada, falou também de uma nova etapa:

Um dos frutos da doutrina da Igreja como comunhão, nestes anos, foi a tomada de consciência de que os seus vários membros podem e devem unir as forças, numa atitude de colaboração e permuta de dons, para participar mais eficazmente na missão eclesial.

*Hoje alguns Institutos, frequentemente por imposição das novas situações, chegaram **à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com os leigos**. E assim estes são convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto. Pode-se dizer que, no rastro de experiências históricas como a das diversas Ordens seculares ou Ordens Terceiras, **se iniciou um novo capítulo, rico de esperanças, na história das relações entre as pessoas consagradas e o laicato**. (54)*

Se em 1996 João Paulo II anunciava **o início** de um novo capítulo *nas relações entre as pessoas consagradas e o laicato*, o Papa atual, 20 anos depois, já fala de fatos. Passou-se da *convicção de que o carisma pode* ser partilhado com os leigos ao reconhecimento de que se forma **uma mesma família carismática**. O progresso foi, certamente, notável.

Com esta minha carta, além das pessoas consagradas, dirijo-me aos leigos que, com elas, partilham ideais, espírito, missão. Alguns Institutos religiosos possuem uma antiga tradição a tal respeito, outros uma experiência mais recente. Na realidade, à volta de cada família religiosa, bem como das Sociedades de Vida Apostólica e dos próprios Institutos Seculares, está presente uma família maior, a "família carismática", englobando os vários Institutos que se reconhecem no mesmo carisma e, sobretudo, os cristãos leigos que se sentem chamados, precisamente na sua condição laical, a participar da mesma realidade carismática.

Carta Apostólica do Papa Francisco a todos os Consagrados, III, 1

No recente documento sobre *Identidade e missão do religioso irmão na Igreja*, afirma-se que **os religiosos irmãos vivem hoje frequentemente sua vocação, integrados em famílias carismáticas**, com a finalidade de reviver, juntamente com outras pessoas (leigas e leigos, religiosas, sacerdotes), *o carisma que deu origem a essa família, para encarnar juntos o rosto evangélico que revela tal carisma e servir juntos a mesma missão eclesial, que já não é apenas missão de um Instituto em particular (38).*

Temos de reconhecer, com o coração agradecido, o caminho que temos percorrido como Instituto nesse campo. Creio que alguns fatores importantes em nível global, foram: a participação laical nos Capítulos Gerais desde 1993; as Assembleias Internacionais da Missão Marista (2007 e 2014); a publicação de *Em torno da mesma mesa (2009)*, que continua sendo um documento de referência muito importante para todos nós. E o Secretariado dos Leigos, por sua vez, que soube acompanhar e animar tanto a reflexão quanto as iniciativas que foram sendo assumidas em diferentes partes do mundo.

É verdade que o desenvolvimento foi desigual, de acordo com as circunstâncias históricas, sociais e eclesiais de cada região marista, mas, quando olhamos para trás, é evidente que, de maneira geral, houve uma enorme evolução.

Um dos aspectos que está caracterizando nossa caminhada marista de comunhão é que irmãos e leigos passaram a caminhar *juntos*. Há alguns anos, tive a oportunidade de participar em uma Província de uma reunião de irmãos e leigos para ver como se podia favorecer o desenvolvimento e a organização do laicato: os irmãos, em seu desejo de não impor nada, insistiam na necessidade da autonomia laical; os leigos, por sua vez, diziam que não se imaginavam sozinhos, que o chamado que sentiam era para caminhar *juntos*, leigos e irmãos. Creio que isso é o que progressivamente estamos sentindo como chamado do Espírito.

Um dos aspectos que está caracterizando nossa caminhada marista de comunhão é que irmãos e leigos passaram a caminhar juntos.

O que se espera, então, dos irmãos nesse novo contexto eclesial?

Em primeiro lugar, que **vivam a fundo sua própria vocação religiosa, chamada a expressar a profecia**. O Papa atual introduziu esse novo conceito, a profecia, que está fazendo repensar a autocompreensão da vida consagrada. De fato, a Assembleia de Superiores Gerais de finais do mês de maio de 2016 tomou como tema de estudo **a radicalidade da profecia**.

Espero que “desperteis o mundo”, porque a nota característica da vida consagrada é a profecia. Como disse aos Superiores Gerais, “a radicalidade evangélica não é própria só dos religiosos: é pedida a todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de uma maneira especial, de modo profético”. Esta é a prioridade que agora se requer: “ser profetas que testemunham como viveu Jesus nesta terra (...). Um religioso não deve jamais renunciar à profecia”.

Carta Apostólica do Papa Francisco a todos os Consagrados, II, 2

Não se trata da profecia de se colocar como modelo de ninguém na Igreja, mas **da profecia da humildade e da fraqueza**, que testemunha a misericórdia de Deus. A profecia – disse Michael Davide Semeraro – *é a capacidade de englobar a morte, o fracasso, a não visibilidade, a marginalidade e fazê-lo como opção permanente para toda a vida.*

Se perguntarmos às pessoas ao nosso redor que nos querem e conhecem bem, a maioria certamente nos dirá que espera que sejamos simplesmente o que somos chamados a ser: irmãos. Basta isso. Esperam de nós a profecia de quem luta humildemente para ser coerente com o que promete viver, embora nem sempre consiga. Isso é o essencial que devemos oferecer, que, evidentemente, é muito mais do que ser bons gestores ou excelentes educadores.

Por outro lado, nesse contexto de família carismática, *o irmão se torna consciente*

*da riqueza contida em seu próprio carisma fundacional, para partilhá-lo com outros crentes leigos que poderão vivê-lo a partir de projetos de vida diferentes. Aceita ser instrumento do Espírito na transmissão do carisma e assume sua responsabilidade de ser **memória viva do fundador** (Identidade e missão do religioso irmão na Igreja, 10). Por isso mesmo, com simplicidade, tomamos a iniciativa de sair ao encontro de leigas e leigos para nos enriquecer mutuamente.*

De maneira provocativa, o Papa Francisco recorda em *Evangelli Gaudium (102)* que *os leigos são simplesmente a imensa maioria do Povo de Deus. A seu serviço está a minoria dos ministros ordenados.* Por que o Papa recorda algo tão óbvio? Pois é para combater o clericalismo, que inverte os termos, situando o laicato a serviço dos ministros ordenados ou à mercê de seus caprichos. Creio que é bom recordar aqui, para o caso de algum irmão cair na tentação de certo clericalismo: somos chamados a servir à imensa maioria do Povo de Deus, promovendo sua própria vocação e facilitando para que possam assumir sua responsabilidade como seguidores de Jesus.

O processo de revisão das Constituições que está se realizando nesses tempos, com grande participação por parte dos irmãos, pode ser excelente ocasião para valorizar e expressar de que maneira esse novo contexto de família carismática afeta nossa própria identidade no seio da Igreja.

Finalmente, vale a pena destacar não apenas o que se espera do irmão, mas também o muito que pode receber:

Se perguntarmos às pessoas ao nosso redor que nos querem e conhecem bem, a maioria certamente nos dirá que espera que sejamos simplesmente o que somos chamados a ser: irmãos.

Tomamos a iniciativa de sair ao encontro de leigas e leigos para nos enriquecer mutuamente.

O religioso irmão encontra em sua família carismática um **entorno propício para o desenvolvimento de sua identidade.** Nesse entorno, os irmãos partilham a experiência da comunhão e promovem a espiritualidade da comunhão como verdadeiro sangue da vida aos membros da família e a partir dela se estende por toda a Igreja. Na família carismática os religiosos se colocam junto aos outros cristãos e em função deles. **Com eles** são irmãos que constroem uma fraternidade para a missão, animada pelo carisma fundacional; **para eles** são sinais dessa mesma fraternidade, chamados a viver na vida consagrada.

Identidade e missão do religioso irmão na Igreja, 38

O que se espera dos leigos e leigas?

O **seguimento de Jesus** – que por certo foi leigo, como o foram Maria e José – é o que distingue os que nos denominamos cristãos. Um seguimento que, como já vimos anteriormente, se faz **em comunidade.** Falar de *família carismática* nos permite incluir uma grande variedade de situações, exatamente como em qualquer família, em que não se espera que as pessoas sejam fotocópias de um protótipo, mas que sejam elas mesmas, conservando, assim, os vínculos fundamentais que os unem aos outros membros da família.



O mundo do laicato relaciona-se com o marista por uma **variedade de expressões.** Muitas pessoas entram em contato com a vida e a missão dos irmãos maristas de diferentes maneiras. Alunos, educadores, catequistas, pessoal de administração e de serviço, ex-alunos, pais e amigos, todos conhecem os irmãos e seu carisma.

Em torno da mesma mesa, 8

Como sabemos, o documento *Em torno da mesma mesa* foi preparado por um grupo de leigos, leigas e irmãos, mas tomando como base um grande número de testemunhos pessoais provenientes do laicato. A partir dessa experiência de vida, os autores do documento reconhecem três grandes grupos:

Algumas pessoas vivem **identidades diferentes da marista:** umas, porque fizeram opções de vida distintas da cristã; outras, por já terem encontrado seu próprio lugar na Igreja. Acolhemos e respeitamos as diferentes opções e caminhos. Partilhamos com todas elas os valores humanos e cristãos, unimos forças para trabalhar na construção de um mundo melhor e damos graças a Deus por tudo o que delas recebemos.

Outras pessoas foram atraídas pelo testemunho dos irmãos. Admiram o seu modo de vida e **desejam vincular-se à sua espiritualidade e à sua missão,** sem entender isso como vocação partilhada. Algumas não refletiram suficientemente sobre o significado desta vinculação e necessitam de espaços de acompanhamento que lhes permitam descobrir o que Deus espera delas.

Há um terceiro grupo que, a partir de um processo pessoal de discernimento, decidiu viver sua espiritualidade e sua missão cristãs do jeito de Maria, seguindo a intuição de Marcelino Champagnat. Estes somos nós, **os leigos maristas.**

Continuando com a imagem da família, a beleza dela é que todo mundo tem um lugar; ninguém deve se sentir excluído. Cada pessoa responde de acordo com o momento pessoal que está vivendo e suas próprias circunstâncias. Não há uma escala do melhor ao pior, nem se entra em estatutos especiais, tampouco se consegue maior ou menor dignidade. São simplesmente formas diferentes de viver e expressar a fé.

O Ir. Charles Howard, em sua Circular sobre o *Movimento Champagnat (1991)*, dedicou uma seção ao papel das *mulheres na Igreja*, em que afirmava que *uma das tarefas mais importantes para a Igreja é facilitar a plena realização da mulher na missão, em todas as suas dimensões, incluindo a tomada de decisões.* Infelizmente, não parece que se tenha feito muito progresso na Igreja desde então, como o Papa Francisco reconheceu publicamente várias vezes. A partir de nossa experiência cotidiana de trabalhar lado a lado com mulheres, que são maioria em nossas instituições, percebemos a riqueza de sua peculiar contribuição para a missão marista. Isso nos compromete ainda mais a estar ao seu lado, a promover seu protagonismo e um tratamento equitativo tanto na Igreja como na sociedade.

Há entre nós diferentes experiências de associação, começando pelo *Movimento Champagnat da Família Marista* que está atuando há mais de 30 anos. Seja qual for a forma adotada, creio que é importante destacar **o chamado para ser comunidade cristã**, tal como se apresentou algumas páginas atrás. Parece-me de os momentos atuais não exigem grupos piedosos ou simpatizantes da obra marista, mas **comunidades cristãs maristas vivas, calorosas, comprometidas com a transformação social.**

Alguns desses grupos são totalmente laicos; outros incluem irmãos, ou talvez outros religiosos e sacerdotes. Temos também algumas comunidades de vida (na mesma casa), formadas por irmãos e leigos/as, além das que existem em várias Províncias, e aqui quero destacar a comunidade de acolhida de N. Sra. de l'Hermitage, as que existem no Distrito marista da Ásia, bem como a atual iniciativa do **projeto La Valla 200>**.

Fiz uma convocação para a participação nesse último projeto em minha carta sobre o ano Montagne. Quero agradecer a magnífica resposta recebida: mais de 90 pessoas (irmãos, leigos e leigas) manifestaram sua disponibilidade para participar dessas comunidades. Nesse momento está sendo preparado um primeiro grupo internacional de 13 irmãos e 8 leigos/as. Mas continua aberta a possibilidade de se oferecer para essas comunidades, o que sempre é possível fazer junto ao seu Provincial.

Em toda essa variedade de associação, muitas pessoas manifestaram sua vontade de expressar pessoalmente, de maneira mais concreta e pública, sua vinculação ao carisma ou ao Instituto. Por isso, em algumas Províncias, estão sendo realizadas promessas ou outros tipos de compromissos, tal como foi proposto no último Capítulo Geral.

A partir de nossa experiência cotidiana de trabalhar lado a lado com mulheres, que são maioria em nossas instituições, percebemos a riqueza de sua peculiar contribuição para a missão marista.

Nesse sentido, o Conselho Geral, depois de ter escutado representantes de todas as Províncias, decidiu lançar, em 2014, um processo para elaborar **um marco global que ajudasse a definir o processo vocacional marista para leigos e leigas**, oferecendo critérios comuns tanto para o discernimento e aprofundamento vocacional, como para a vinculação e pertença laical ao carisma e/ou ao Instituto. Uma comissão internacional está trabalhando nisso, consultando muitas pessoas de todo o mundo, com a finalidade de apresentar o resultado de seu trabalho durante o próximo Capítulo Geral em 2017.

Conta antiga lenda que as pessoas humanas são anjos com apenas uma asa: cada pessoa, para voar, precisa se abraçar com outra. Precisamos uns dos outros porque **Espírito não está no Eu, mas entre Eu e Tu** (Martin Buber).

**Precisamos
uns dos outros**

Somos chamados a nos converter em ícones da Trindade, em cujo seio, como dizíamos, a diversidade e a unidade não são opostas, mas condição mútua para a sua existência. Nossas sociedades têm uma enorme necessidade de observar que a unidade na diversidade é possível e é fonte de alegria e riqueza pessoal.

Parafraseando Marguerite Yourcenar, que em *Memórias de Adriano* fala da importância de se criar bibliotecas, podemos dizer que criar comunidades, ser pessoa de comunhão, *equivale a construir celeiros públicos, a fazer reservas para um inverno do espírito que, a julgar por certos sinais e apesar de mim, vejo que se aproxima*.

Entre o dilúvio e o arco-íris

Dizia Mons. Tonino Bello que hoje nos encontramos entre o dilúvio e o arco-íris. O dilúvio, que representa a situação de injustiça planetária, se expressa pela violência, racismo, segregação... e o arco-íris, que segundo o relato bíblico de Noé, representa a aliança com Deus e a promessa do final do dilúvio.

Os sinais do dilúvio são muitos. Basta ligar a televisão ou ler os jornais e ali os encontraremos. Demasiados, infelizmente. Diante desses sinais podemos nos lamentar, buscar culpados ou até nos deprimir. Mas podemos também contribuir para **aumentar os sinais do arco-íris** que, graças a Deus, também são muitos, embora não se faça publicidade deles nem ocupem as manchetes dos jornais.

O sonho de Deus, o sonho de Jesus, o sonho de Fourvière é o de **uma nova comunidade humana** finalmente reconciliada. Esse também é o meu sonho e certamente o seu.

*Os sonhos, não importa vê-los realizados,
(talvez todos e de imediato!),
basta não tentar, tolamente, apagá-los:
ao se realizar rápido, de fato,
você perde o único,
atormentado encanto da vida.*

Davide Maria Montagna

Desde a ressurreição de Jesus, sabemos que o mal não tem a última palavra. Cremos no poder da semente e no poder do amor, aparentemente tão débeis. Cremos, com Jesus, na **força transformadora das pequenas comunidades.**

Como os apóstolos reunidos no dia de Pentecostes com Maria, nos encontramos entre o dilúvio e o arco-íris. Embora tristes e desanimados, porque não gostamos do mundo em que vivemos e porque, às vezes, temos a impressão de que o Senhor está ausente deste mundo. **No entanto, com a força do Espírito, nos lançamos ao impossível.** E no meio das situações mais desesperadoras, somos capazes de ver os sinais do arco-íris.

A narrativa de Pentecostes dos Atos dos Apóstolos diz que pousaram sobre os membros dessa comunidade pequenas línguas de fogo, símbolo do Espírito que os invadia. E que todo o mundo podia entendê-los porque falavam uma linguagem que não precisava de tradução: a linguagem do amor.

De acordo com um antigo *midrash*, cada pessoa vem ao mundo com uma pequena chama acesa sobre sua testa. Cada vez que uma pessoa se encontra com outra, as chamas se fundem e desse encontro elas ficam mais luminosas e vitais. Mas quando uma pessoa vive poucos encontros, sua pequena chama sofre e define. E se a pessoa não se encontra com ninguém, essa chama pouco a pouco se apaga.

Você não vê mais muitos sinais do arco-íris ao seu redor? O que você vai fazer com sua pequena chama? **Podemos contar com você para fazer a maravilhosa revolução da ternura?**



Ao finalizar esta carta, quero convidar você, de modo muito pessoal, seja irmão ou leigo/a, que se pergunte com seriedade em que medida está contribuindo para *um novo começo marista*, a partir da perspectiva da família carismática que integramos. Creio que pode ser uma excelente oportunidade para valorizar, de maneira muito concreta, quais são suas atitudes e comportamentos diante desse tema e também para você se comprometer a ir além de sua zona de conforto. Para se atrever a sair do ninho de suas seguranças e deixar-se surpreender pela novidade do Espírito.

Esse é o maior desafio de hoje: Como realizar uma revolução do coração, uma revolução que precisa começar a partir de cada um de nós? Quando começarmos a ocupar o lugar mais baixo, a lavar os pés dos outros, a amar nossos irmãos com esse amor ardoroso, essa paixão que conduz à cruz, então poderemos dizer verdadeiramente: "Agora comecei".

Dorothy Day

Como os primeiros maristas, queremos nos inspirar na *igreja nascente* para seguir a Jesus na comunidade. Eles estavam convencidos de que Maria, que foi o apoio dessa igreja nascente, será também o nosso nesses tempos que nos cabe viver. A Ela nos confiamos, como maristas desse início do século XXI, felizes por levar seu nome.

Maria,
primeira discípula do Senhor,
nós vos damos graças pelo grupo de sacerdotes,
Champagnat e Colin entre eles,
que se consagraram em Fourvière há 200 anos
e se comprometeram a renovar a Igreja,
inspirados por vós e sob vossa proteção.

Somos gratos pela família marista,
atualmente espalhada por toda a terra,
herdeira daquele sonho dos primeiros maristas
e que deseja, hoje como ontem,
colocar-se a serviço de nossos irmãos e irmãs,
especialmente daqueles que vivem
em situações de maior vulnerabilidade.

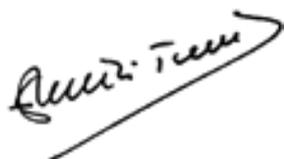
Somos gratos, de maneira especial,
pelo carisma recebido
por intermédio de Marcelino Champagnat,
que tantas vezes dirigiu-se a Fourvière
para confiar-vos os seus projetos
e abandoná-los em vossas mãos.

Conscientes de que
Fazeis sempre tudo entre nós,
nós vos damos graças por tantas gerações
de irmãos maristas que, nos cinco continentes,
dedicaram suas vidas
para a evangelização de crianças e jovens.
Somos gratos pelo crescimento do laicato marista,
mulheres e homens chamados pelo Espírito Santo
para viver sua vocação cristã como maristas,
em comunhão com os irmãos
e partilhando uma mesma missão.

Todos nós,
maristas de Champagnat,
nos entregamos a vós, boa Mãe de Fourvière,
peregrina da fé,
para que, com audácia e generosidade,
sejamos sinais de vossa ternura e misericórdia
entre os Montagne de hoje
e fiéis à nossa missão
de fazer Jesus Cristo conhecido e amado.

Amém.

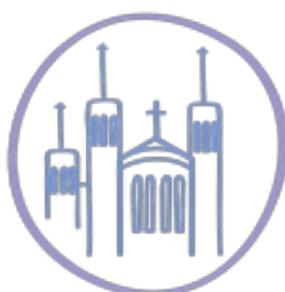
Fraternalmente,



Maria, que foi o apoio
da igreja nascente,
será também o nosso
nesses tempos que
nos cabe viver.



maristas **2017**
um novo começo



2015|2016
Fourvière